

# MULHERES EM PAULO.

## Observações metodológicas e um breve balanço historiográfico.

*Juliana B. Cavalcanti*<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Por muito tempo a historiografia dos estudos paulinos tem obscurecido atores sociais presentes no movimento paulino. Com o ingresso dos estudos feministas, que se encaixam dentro da fase da “Nova Perspectiva” (por volta dos anos 1950), que estes indivíduos passaram a ganhar espaço no campo do Paulo Histórico. Este artigo irá se deter apenas as mulheres, buscando apontar alguns elementos centrais para compreender o papel das mesmas no interior das comunidades paulinas.

**Palavras-chave:** Historiografia, Mulheres, Paleocristianismos Paulinos.

### **Abstract:**

For a long time the historiography of Pauline studies has obscured social actors present in the Pauline movement. With the entry of feminist studies, which fit into the phase of "New Perspective" (around of the 1950s), these individuals began to gain ground in the field Paulo History. This paper will tell only women seeking to identify some key elements to understand the role of these within the Pauline communities.

**Keywords:** Historiography, Women, Pauline Christianites.

### **Introdução:**

Após Jesus certamente Paulo é a figura de maior influência no pensamento cristão. O que conseqüentemente demandou uma enorme produção exegética e artística a partir de sua figura, bem como dos textos atribuídos a ele no cânon cristão e outras documentações extracanonicas<sup>2</sup>.

Já no período da patrística, sua autoridade é altamente acionada para o estabelecimento de normas, regras e estatutos de uma fé cada vez mais singular, singular ao menos aos olhos das lideranças cristãs deste período. Os comentários aos textos paulinos começaram a ser

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada pela mesma universidade onde obteve o título de bacharel. Orientada pelos professores André Leonardo Chevitarese e Norma Musco Mendes. Desenvolvendo o projeto: “Os círculos paulinos: um estudo comparativo entre a comunidade coríntia e a comunidade de Éfeso”. Bolsista da Capes. PPGHC-IH/UFRJ; LHER-IH/UFRJ; <http://lattes.cnpq.br/677018140677007>.

<sup>2</sup> Há uma larga produção extracanonica que aciona a figura de Paulo, todos eles produzidos entre os séculos II a IV EC. Entre os textos é possível citar: Atos de Paulo, Atos de Paulo e Tecla, Atos de Pedro e Paulo, Apocalipse de Paulo, Apocalipse Copta de Paulo e a hagiografia paulina produzida por Jerônimo. Ver: Koester, 2005: 102.

Do ponto de vista da cultura material, é possível localizar representações imagéticas de Paulo a partir de finais do século III EC. Em todos os casos, Paulo é sempre apontado como um “legítimo” portador do falar sobre Jesus, os signos que sinalizam isto estão sempre nos gestos do olhar e das mãos. Além de quase sempre portar uma bíblia ou um rolo. Para mais informações ver: Jensen, 2005.

produzidos em larga quantidade, em especial na parte ocidental do mundo romano. Paulo tornou-se a partir deste momento um dos principais, se não o principal, “pai da doutrina cristã”. Todo o período medieval<sup>3</sup>, apenas deu continuidade a esta percepção de Paulo, apenas aprofundando ainda mais o *status* do apóstolo (CARTWRIGHT, 2013: 1-2).

Nas Reformas Católica e Protestante, assim como com o advento da modernidade Paulo conseguiu perpetuar e imprimir ainda mais um papel decisivo de legalista e normatizador dos Cristianismos, seja ele Católico seja ele Protestante. Contudo, no decorrer deste processo a personagem Paulo se viu também intimamente ligada em questões do campo estrutural da sociedade.

Elliott (1998: 11-14) resgata inúmeros casos, ao longo dos séculos XVII e XVIII, de missionários protestantes nas 13 Colônias Inglesas que empregavam as cartas paulinas para validar suas argumentações sobre práticas de tortura e escravidão, construindo ainda o protótipo do “bom escravo”. Além de usar estes mesmos textos para afirmar normas e padrões de conduta de mulheres e crianças e de hostilização de grupos judaicos.

Estas leituras acabaram construindo um modelo de Paulo muito distante do ambiente judaico, fundamentada na ideia de que logo após a experiência visionária de Damasco Paulo havia deixado para trás toda a sua formação e origem judaicas. Paulo em muitos aspectos era apresentado ou como o sistematizador da religião cristã, por intermédio de sua experiência mística, ou como fundador da mesma<sup>4</sup>.

Anders Gerdmar em *Roots of Theological Anti-Semitism* (2009) é um exemplo de trabalho mais recente que sinaliza, mais especificamente, que as bases de toda a produção teológica nazista, das décadas de 1920 a 1940, estava ancorada em uma longuíssima produção exegética que é marcadamente antijudaica. Em outras palavras, trabalhos como Gerhard Kittel e Walter Grundmann estariam apenas formatando e intensificando uma leitura dual, em que

---

<sup>3</sup> Não deixa de ser curioso o impacto dos comentários paulinos na Era Carolíngia no que diz respeito à evangelização, conversão e formando dos povos na doutrina ‘correta’. O que garantiu as terras de Carlos Magno uma profunda estabilidade política e econômica. Sendo assim, um dos principais mecanismos facilitadores e fomentadores do crescimento das cidades e escolas da Catedral Charlemagne, local em que ocorreram estudos bíblicos e liberais e que começou a suplantiar os mosteiros que até então detinham o monopólio desses assuntos desde a queda de Roma. O crescimento econômico do século XI, segundo Ian Levy (2013: 173-174), está intimamente ligado a esta constituição de unidade por intermédio da exegese paulina.

<sup>4</sup> As duas possíveis leituras são mais diretamente apontadas por duas correntes dos estudos paulinos iniciados em finais do século XIX e início do século XX. Referimos-nos as Escolas Mitológica e História das Religiões. A primeira, ao comparar as narrativas evangélicas com a literatura clássica, ponderou que Jesus era apenas mais um mito forjado na Bacia Mediterrânea. Em que Paulo conseqüentemente teria inventado um personagem chamado Jesus e fundado uma nova religião a partir de uma cosmogonia que culminava na personagem Jesus Cristo. A segunda, confrontando as cartas paulinas com a documentação (arqueológica e textual) clássica, entendeu o cristianismo paulino como um culto de mistério. Para os estudiosos da Escola de História das Religiões, todos os cultos e ritos de mistérios eram pré-cristãos, ou melhor, eram pré-sacramentos. Paulo entra aqui como aquele que sistematiza estes cultos e sinaliza aos gentios que suas práticas religiosas pré-cristãs, eram, na verdade, um longo preparativo para o Jesus Cristo. Ver: Klauck, 1996: 60-65.

cristãos eram ‘bons’ e judeus ‘maus’. E Paulo era decisivo, por ser entendido como o instaurador de um cristianismo livre da Lei, além de ser o primeiro do movimento Iluminista. Estes mesmos autores entendiam ainda que o verdadeiro Cristianismo era o gentílico, e a variante judaica nada mais era do que uma forma degenerada de se entender o movimento de Jesus.

Desta maneira, em quase dois milênios de tradição eclesiástica o que se percebe é uma autoridade paulina sendo em diferentes momentos acionada para diferentes leituras e compreensões de mundo. O que torna a fala de Ernest Käsemann altamente válida para nós: a história da interpretação paulina é a história de sua domesticação. Ou seja, até meados dos anos 1950 a historiografia produzida sobre Paulo tem muito mais o que dizer sobre os olhares e interesses de grupos que ativaram a memória de Paulo para justificar os seus atos, do que propriamente dito sobre o Paulo Histórico. Uma afirmação que pode custar um pouco caro a um historiador num primeiro momento, mas que com um olhar cuidadoso sobre a história da pesquisa certamente passa a ter o mínimo de coerência.

A virada dos estudos paulinos talvez esteja centrada em quatro grandes momentos. O primeiro deles está na conferência feita por Käsemann em 23 de outubro de 1953 na Universidade de Göttingen. Nesta, Käsemann pondera que a teologia sobre Jesus deve estar baseada na realidade histórica. Caso contrário, Jesus pode ser empregado para validar qualquer base de pensamento, inclusive as mais radicais e anti-humanas. As ideias proferidas em sua conferência dialogam muito com o tempo em que este teólogo vivia, mas também respondiam a à necessidade crescente por uma metodologia para a busca do Jesus Histórico. O que abriu espaço para um diálogo transdisciplinar. No que diz respeito a Paulo, suas principais concepções proferidas na conferência de 1953 foram reunidas anos mais tarde no livro *Perspectives on Paul* (1971) que já chamava atenção à necessidade de não apenas reler Paulo, mas também de dar voz a atores circundantes ao apóstolo.

O segundo deles advém do ensaio bíblico hermenêutico de Krister Stendahl, denominado *The Bible and the Role of Women* (1966). Apesar de conter um profundo teor teológico, este talvez seja o primeiro momento em que a atuação das mulheres no interior das igrejas cristãs é reivindicado a partir de um critério chamado pelo autor de histórico-crítico. Sendo capaz de incitar releituras, no campo protestante, sobre as interpretações de Lutero e Augustinho sobre a justificação pela fé e sobre a relação entre Paulo e as mulheres, é claro.

O terceiro momento destas releituras sucede com a publicação do livro *Paul and Palestinian Judaism* (1973) de E. P. Sanders. Uma obra que se torna um verdadeiro divisor de águas nos estudos paulinos. Com seu exaustivo trabalho de comparação entre as cartas

paulinas e a literatura judaica contemporânea ao apóstolo. Evidenciando que a experiência mística de Damasco, a cosmogonia que culminava no Jesus Ressuscitado e todos os debates entre a Lei, normas e práticas judaicas não eram para Paulo uma ruptura com o judaísmo, contudo, uma tentativa de reler a religião judaica, resignificando o *ethos* judeu.

Embebido desta leitura James Dunn lança o texto *The New Perspective on Paul* (1983)<sup>5</sup>. Artigo que acabou por cunhar o nome da nova busca pelo Paulo Histórico e que estabeleceu de forma definitiva suas principais preocupações a partir do diálogo transdisciplinar, a saber: (a) compreender melhor Paulo e a igreja primitiva, (b) reconciliar erudição bíblica contemporânea com a Teologia, (c) construir uma base comum entre católicos e protestantes, (d) melhorar o diálogo entre cristãos e judeus e (e) concretizar um fundamento teológico para a justiça social.<sup>6</sup>

A partir de então, com o ingresso de mulheres nas universidades e com a nova onda feminista que fomentou os estudos sobre gênero nos centros universitários, os textos paulinos se viram sob uma nova ótica. Diferentes pesquisadoras entre elas Antoinette Clark Wire, Elisabeth Schüssler Fiorenza, Margareth MacDonald e Margaret Mitchell já em meados dos anos 1980<sup>7</sup> começaram a produzir uma extensa bibliografia sobre esta temática. Sendo o debate e uma breve sistematização desta literatura que se girará o presente artigo.

<sup>5</sup> "A nova perspectiva de Paulo", de James Dunn apareceu originalmente no Boletim da Biblioteca John Rylands, Vol. 65, 1983: 95-122. Ele foi incluído no livro de Dunn denominado "Jesus, Paulo e da Lei: Estudos em Mark e Gálatas" (1990: 183-214). Mais recentemente, em 2005 James Dunn publica o livro *A Nova Perspectiva sobre Paulo: Ensaio acumulados*, em que este mesmo texto é reeditado.

<sup>6</sup> É bom lembrar que há uma ampla literatura que nega a "Nova Perspectiva de Paulo". Entre eles está Francis Watson que afirma que os estudos sobre Paulo não trazer um fim à antítese evangelho (no sentido de boa nova) - Lei. Uma antítese que Watson entende como compartilhada pela herança da Reforma Protestante pelo próprio apóstolo Paulo. Afirmando que a Nova Perspectiva impõe uma agenda pseudo-teológica sobre os textos paulinos. Sendo um elemento que dificulta o acesso a 'verdadeira' teologia de Paulo. Por 'verdadeira' teologia, Watson entende como a elaboração complexa de um simples anúncio do evangelho que, que ressuscita Jesus dentre os mortos. Em que Deus agiu definitivamente e incondicional para a salvação da humanidade, como a Lei e os Profetas dão testemunho. Para mais detalhes sobre a polêmica ler o artigo de Kevin Bywater, disponível em: <http://www.thepaulpage.com/a-response-to-not-the-new-perspective/> Outro duro crítico a "Nova Perspectiva" é Neil Elliott (1994: 96-99). O autor argumenta que o Paulo desta busca, não é o Paulo histórico, mas um Paulo acadêmico que atende os interesses do mundo pós-Segunda Guerra Mundial. Basicamente os problemas apontados pelo autor sobre esta vertente de estudos paulinos é: (a) não se constitui de fato como uma "nova perspectiva", mas retoma a dialética de Baur do "universalismo paulino" versus o "particularismo judaico" em termos sociológicos. Não se questionando sobre uma série de afirmações que Paulo faz sobre a Torá, nem se questiona se o "etnocentrismo" não teria sido uma característica do judaísmo da Antiguidade; (b) improbabilidade de defesa de Paulo nas igrejas, uma vez que Bultmann argumenta que a inclusão dos gentios já havia ocorrido antes de Paulo; (c) esta vertente de estudos paulinos pouco ajuda no campo luterano contra o antijudaísmo teológico. O paradigma celebrado pela "nova perspectiva" é o de um "universalismo" que exclui os judeus observantes da Torá; (d) esta interpretação apenas pospõe a questão da inteligibilidade "a partir do ponto de vista judaico".

<sup>7</sup> Há de se pontuar que já nos anos 1970 a produção sob o olhar feminista já estava em curso. Dois belíssimos exemplos disto são os trabalhos de Elizabeth A. Clark (1979) sobre a relação entre gêneros nos textos neotestamentários e o trabalho de Bernadette Brooten (1973) que discute a questão da apostolicidade de Junia. Contudo, o marco sendo colocado na década de 1980 se deve as inúmeras produções que emergem nesse

Apontando ainda de que forma foram decisivas produções de finais do século I e início do século II EC, atribuídas a Paulo para silenciar as lideranças femininas do movimento paleocristão. Uma postura que estava acompanhada de um longo processo de institucionalização das comunidades paulinas.

### **A Reclamação de uma Perspectiva Feminista para os Estudos Paulinos:**

O primeiro grande trabalho de ótica feminista a propor uma releitura de Paulo foi o de Elisabeth Schüssler Fiorenza intitulado *In Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins* (1983). De imediato a autora evidencia quatro modelos teóricos empregados nas análises das cartas de Paulo:

- (1) Abordagem doutrinária. Entende a bíblia em termos de revelação divina e autoridade canônica. Uma leitura, por vezes, calcada na inspiração verbal e literal da infalibilidade histórica bíblica. O texto bíblico não é simplesmente uma expressão histórica da revelação, mas a própria revelação;
- (2) Exegese histórico-positivista. Foi desenvolvido em confronto com as afirmações dogmáticas dos textos bíblicos e da autoridade doutrinária da igreja. Seu ataque à autoridade reveladora dos textos está relacionado com uma compreensão da exegese e da historiografia que é: positivista, factual, objetiva e sem valor. Buscando atingir leitura objetiva dos textos e uma apresentação científica de fatos.
- (3) Interpretação hermenêutica. Busca um diálogo entre os dois modelos anteriores. Levando a sério métodos históricos desenvolvidos pelo segundo modelo, enquanto que ao mesmo tempo reflete sobre a interação entre o texto e comunidade, ou texto e intérprete. As explorações metodológicas de forma e crítica de redação tem demonstrado o quanto os escritos bíblicos são respostas teológicas a situações práticas.
- (4) Teologia da Libertação. Critica a objetividade e neutralidade da Teologia acadêmica. Evidenciando que todo o estudo é calcado de intenções, escolhas e percepções de mundo. E mais especificamente, adota uma percepção política de inclusão ou exclusão das minorias (FIORENZA, 1983: 4-6).

Destes quatro modelos, a autora opta claramente pelo último, embora faça ressalvas quanto à importância do terceiro, ponderando que é ele que os pressupostos deste último

---

período e acima de tudo a constante preocupação destas estudiosas em estabelecer e clamar por uma metodologia para a História das mulheres.

modelo já estavam no trabalho de Elizabeth Cady “Stanton The Woman’s Bible”, publicado em 1895. Com base nisto, a autora salienta que o *corpus* paulino foi produzido e dirigido a uma sociedade patriarcal, que quanto mais distante temporalmente estas produções estavam do Jesus Histórico, mais próximas elas estavam das estruturas falocráticas e mais distantes do teor radical, no qual se caracterizou o movimento, primariamente. Uma crítica, neste sentido, aberta a Gerd Theissen, que defendeu a sobrevivência do cristianismo via o “patriarcalismo do amor”. Segundo ela, ao defender esta tese Theissen ignora todo o processo de construção histórica dos textos, bem como a autoria dos mesmos.

Autora pondera ainda que dentro da linguagem androcêntrica as mulheres foram paulatinamente silenciadas. Sendo mencionadas apenas para sinalizar um comportamento inadequado para as lideranças masculinas, tal como 1Cor 14: 33-36 que afirma que as mulheres devem ficar caladas nas assembleias.

Bernadette J. Brooten pode ser colocada em paralelo, no que diz respeito ao pioneirismo, com os trabalhos de Fiorenza, uma vez que em 1982 publicou *Women Leaders in The Ancient Synagogue: Inscriptional Evidence and Background Issues* e em 1985 lança o artigo “Early Christian Women and Their Cultural Context: Issues of Method in Historical Reconstruction”. O primeiro trabalho é dedicado a apontar, por meio de inscrições dos períodos romano e bizantino que mulheres em diferentes locais (Ásia Menor, África, Grécia, Egito, Palestina, entre outras) detinham postos de destaque nas sinagogas. Sendo possível encontrar mulheres sendo chamadas de “líder da sinagoga”, entre outros títulos honoríficos. Além disso, a autora observou uma grande quantidade de menções a mulheres como benfeitoras. A conclusão que a autora chega é de que as sinagogas devem ser entendidas como associações voluntárias e por terem este caráter algumas mulheres de grande poder, por terem por diferentes motivos acumulado fortuna, acabaram por encontrar nas sinagogas uma forma de garantir seu prestígio e atuarem na vida pública.

O segundo trabalho, pode ser encarado como um desdobramento do primeiro e é onde a autora deixa mais nítida suas impressões sobre os paleocristianismos. Nele, a autora chama atenção para a emergência de uma metodologia comparativa para os estudos paleocristãos, em que se tenha a clareza de que os textos intracanônicos foram produzidos por comunidades judaicas em meio romano e por isto mesmo devem ser pensados em paralelo com produções (textuais e arqueológicas) contemporâneas de forma a compreender o contexto de composição dos textos.

Assim, a década de 1980 foi marcada por uma grande preocupação em estabelecer uma metodologia para se produzir uma história das mulheres nos estudos paleocristãos. Nos

anos 1990<sup>8</sup> a produção é intensificada e se adquire um aprofundamento na leitura comparada entre as religiões politeístas, o cristianismo e o judaísmo. Uma obra clássica, neste sentido, é o *Her Share of the Blessings* (1992) de Ross Shepard Kramer.

A autora dá continuidade ao trabalho de Bernadette Brooten e explora a literatura cültica helenística de modo a trazer a luz religiosidades femininas e seus consequentes cultos estabelecidos por mulheres entre os séculos 4 a.EC e 4 EC na região, interpretando que os grupos femininos nestas religiosidades não eram homogêneos: distinções de antigas categorizações sociais em conjunto com as fases da vida das mulheres figuram significativamente na diversidade de práticas e crenças das mulheres. Além disto, a autora parte de uma perspectiva analítica para compreender semelhanças e distinções entre cultos marcadamente masculinos ou femininos. Assim sendo, o esforço desta obra foi em formular uma Teoria da Religião das Mulheres.

Em 1993 já temos sob a coordenação de Elisabeth Fiorenza o livro *Searching the Scriptures* uma compilação de pesquisadoras feministas embebidas de diferentes vertentes teóricas, entre elas da crítica pós-colonial. Talvez este volume seja o ápice ou amadurecimento da demanda amplamente protestada já nos anos de 1970 e mais decididamente na década de 1980. Pela primeira vez, as autoras definem que o estudo dos primeiros anos do movimento cristão é também um estudo sobre as relações de gênero e suas práticas de vigilância e controle na Bacia Mediterrânea. Sinalizando que grupos cristãos, tais como os marcionistas que autorizavam mulheres a ministrar batismos, profetizar e tantas outras funções, que acionavam a memória de Paulo, foram um grande desconforto para lideranças locais que visavam estabelecer uma relação hierárquica. Esta obra ainda se diferencia das demais por imprimir uma espécie de fases sobre a busca pela História da Mulher no movimento de Jesus, ao se voltar para meados do século XIX e início do século XX.

Outro trabalho de grande influência foi o de Margaret Y. MacDonald, denominado *Early Christian Women and Pagan Opinion* (1996). Obra que tem fortes ecos do trabalho magistral, *The Pauline Churches*, da mesma autora e publicado em 1988 sobre relações de poder e o processo de institucionalização na literatura paulina.

---

<sup>8</sup> Não deixa de ser interessante observar que em 1990 Ben Witherington III lança o livro “Women and the Genesis of Christianity” apresentando uma pequena sistematização das produções bibliográficas a partir de finais dos anos de 1950 sobre a temática. O que chama mais atenção no trabalho de Ben Witherington III é o pouco cuidado que este teve em citar artigos, ensaios e livros de autoras da vertente feminista que estão produzindo neste período. Ainda sim, é uma obra que certamente deve ser lida por aqueles que têm o interesse em ser introduzido à busca pelas mulheres no movimento paleocristão.

Em *Early Christian Women and Pagan Opinion*, MacDonald sugere que o cristianismo desde o princípio se viu sujeito às adequações e normas de comportamento para cultos mistos. E por demonstrar um grande espaço para a atuação de mulheres no movimento se viu aos olhos de críticas, sendo lida como imoral, perigosa e não aconselháveis as mulheres romanas. Estas leituras externas e também internas de algumas lideranças das casas-igrejas paulinas, segundo MacDonald, favoreceram a uma releitura do projeto inicial de Jesus. Ou melhor, o projeto inicial de Jesus era radical demais para uma sociedade patriarcal e altamente hierarquizada, e para que fosse mantido deveria ser domesticado. Assim sendo, epístolas como 1 Timóteo emergem como resposta a uma “emancipação” feminina expressa em um texto antigo não-canônico intitulado Atos de Paulo e Tecla.

Deborah F. Sawyer, também em 1996, publica *Women and the Religion in the First Christian Centuries*. Seu trabalho tem clara influência da obra seminal de Wayne Meeks chamada “Os Primeiros Cristãos Urbanos”. Assim, Sawyer deixa claro estar preocupada em estabelecer uma Sociologia para o estudo das primeiras mulheres cristãs. No que compete aos estudos paulinos a autora argumenta que devem ser ponderadas suas influências: uma longa tradição de padrões culturais do mundo helênico e a evolução da situação da sociedade romana. O que garantiu divergências e pluralidades sobre as noções de feminilidade e perspectivas sobre as funções das mulheres. A autora ainda demonstra que na fase inicial do movimento paleocristão foi central atrair as mulheres que pudessem ser benfeitoras. Isto porque eram elas que não apenas garantiriam custos e/ou auxílios de viagem, mas também ofertavam hospedagem e espaço para as reuniões.

Ainda na década de 1990, Ross Shepard Kramer conjuntamente com Mary Rose D’Angelo organizam o livro *Women & Christian Origins* (1999). A obra abarca desde um panorama sobre o contexto político-social da Bacia Mediterrânea em que emergem as comunidades judaico-cristãs até debates sobre as visões da mulher na literatura gnóstica. Para os estudos paulinos são destinados três grandes artigos, dois deles de Margaret Y. MacDonald e um de Elizabeth A. Castelli. Interessa-nos aqui discutir o último, pois os outros dois artigos de MacDonald são basicamente uma continuidade de seu livro publicado em 1996.

O capítulo “Paul on Women and Gender” de Elizabeth A. Castelli parte de uma análise geral das sete cartas autênticas paulinas (1Cor, 2Cor, 1Ts, Gl, Fl, Fm, Rm), que são as principais documentações para evidenciar o papel feminino nos primeiros anos do movimento que sucedeu Jesus. Ainda que a autora reconheça certa dificuldade metodológica para uma reconstituição histórica, posto que Paulo em suas cartas não explicita a realidade das

comunidades em sua inteireza. Mas está respondendo as dúvidas e questionamentos que lhe chegam.

Apesar deste impasse apresentado pela autora, ela acaba se fechando em Febe que é chamada de *protastis* e *diakonos* (Rm 16: 1-2). Febe, segundo Castelli, é o dado mais significativo da atuação das mulheres em Paulo, pois nela se encontram o papel de benfeitora e de liderança local. Ou melhor, num momento em que os cristianismos urbanos estavam dependentes das lideranças locais e itinerantes o que se observa são mulheres assumindo funções coiguais nas casas-igrejas e como grandes patrocinadoras deste movimento.

Já nos anos 2000<sup>9</sup>, Amy-Jill Levine coordenou duas publicações de grande relevância para os estudos paulinos: *A Feminist Companion to Paul* (2003) e *A Feminist Companion to Deutero-Pauline Epistles* (2004). Estas duas organizações são mapeamentos sobre o tratamento das mulheres nas casas-igrejas, estes trabalhos já estão em alguns aspectos impactados pelo olhar de uma Arqueologia da Arquitetura, um dado relativamente novo nos estudos. Uma vez que em grande medida estas pesquisadoras só estavam até o momento preocupadas em discutir termos técnicos próprios da crítica textual e análises de cultos contemporâneos ao paleocristianismo.

Mas talvez o trabalho que esteja mais preocupado em relacionar as estruturas das casas-igrejas com as relações de poder estabelecidas é o livro *A Women's Place: House Churches in Early Christianity* (2006) das pesquisadoras Margaret Y. MacDonald, Carolyn Osiek e Janet Tulloch. As autoras pensam as diferentes mulheres que atuavam nestas comunidades, problematizando uma possível distinção social-religiosa entre mulheres livres, viúvas, solteiras, casadas e escravas.

### **O que a Perspectiva Feminista não viu? Um balanço dos Estudos sobre a História das Mulheres em Paulo:**

Em pouco mais de trinta anos de estudos sobre a História das Mulheres em Paulo pouco se explorou um trabalho comparativo entre História, Teologia, Arqueologia e Arquitetura. Por mais que os trabalhos na década de 2000 tenham demonstrando alguma preocupação entre a tensão espaços público e privado e mesmo a existência de trabalhos sobre

---

<sup>9</sup> Carolyn Osiek e David Black organizaram o livro *Early Christian Families in Context* (2003). O livro reúne diferentes estudiosos preocupados em entender as famílias extensas cristãs (mulheres, crianças e escravos), bem como o ambiente em que se processavam as reuniões religiosas. O tópico dedicado às mulheres apresenta um grande balanço das produções feitas até o momento. O destaque da sessão está para o artigo "Sex and Married Woman in Ancient Rome" de Suzanne Dixon, que apesar de não falar diretamente de grupos cristãos acaba por auxiliar para uma problematização da admoestação de Paulo em 1 Coríntios sobre o casamento.

inscrições encontradas em sinagogas já nos anos de 1980, toda a historiografia até o momento tem se silenciado sobre o ambiente em si utilizado para as reuniões cristãs.

Contudo, isto não é um sintoma apenas do campo dos estudos femininos. De uma maneira geral o que temos são poucos estudos sobre arquitetura cristã. Tanto que não é difícil citar dois importantes trabalhos sobre a questão. O primeiro deles é de Adolf Von Harnack (1908: 65) que, ao fazer um extenso e ousado mapeamento sobre a expansão do cristianismo nos três primeiros séculos, ponderou que para se pensar as mulheres no paleocristianismo era importante pensar o espaço das reuniões que eram [,] antes de qualquer coisa [,] casas, ou seja, ambientes privados. Outro indício que o autor demonstra é [que,] com a proximidade do século II EC, observa-se cada vez mais a menção a casais ou a ambientes privados nos quais são designados como proprietário um homem ou o marido (1908: 69-70) e não mais a mulher, uma estratégia de afastar as mulheres de cargos funcionais.

Outro autor que nos parece muito interessante e talvez o mais relevante para a proposta aqui levantada é L. Michael White que publicou em dois volumes o seu seminal trabalho *The Social Origins of Christian Architecture* (1996, 1997). Com base nas escavações feitas nas basílicas romanas e em Dura-Europos (Síria) o autor demonstra que nos primeiros anos do movimento cristão o que o temos são o emprego de casas que sofrem pequenas adaptações para abrigar os rituais.

Contudo, o mais interessante é que este dado não foi exclusivo dos grupos cristãos, pois em Dura-Europos foram encontrados também uma casa-mitrática e uma casa-sinagoga. Em todos os três casos as reformas sinalizam a criação de diferentes espaços com o intuito de torná-lo um ambiente comunitário, sendo que algumas áreas pareciam ter acesso mais restrito (um bom exemplo é do batistério, encontrado na casa-igreja). Neste sentido, mesmo sendo um ambiente inicialmente público, as reformas criando novos cômodos e áreas de acesso sinalizavam a criação de espaços destinados a funções comunitárias ou de hospitalidade e outras áreas para atividades cúlitas.

O autor nos informa ainda que as reformas e ampliações nestas casas em grande parte delegavam títulos honoríficos que poderiam corresponder a funções internas nas casas de culto, tais como: líder da sinagoga, mestre, diácono entre outros (WHITE, 1997: 101).

Assim sendo, o que temos aqui é uma ação integrada entre status socioeconômico e função religiosa. Ainda que não sejamos capazes de garantir se haviam ou não ambientes reservados às mulheres, estas informações extraídas da Arquitetura Religiosa sinalizam que conforme o movimento que sucedeu Jesus passa a habitar ambientes de casas e deixa de ser um movimento marcadamente itinerante, o que vemos aqui é não mais a obtenção de funções

proeminentes por intermédio do Espírito, tal como tendo evidenciado ao analisar a Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios (CAVALCANTI, 2013: 97-107), mas uma sutil mudança para aqueles que cedem ou intervêm nos ambientes domésticos que se tornam comunitários.

Com base nisto, consideramos pertinente nos voltarmos para o passo abaixo (1Cor 14: 33-36):

Pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz. Como acontece em todas as Igrejas dos santos, estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa; não é conveniente que uma mulher fale nas assembleias.

Atualmente existem cinco principais formas de se interpretar a passagem acima:

1. Os versículos 34-36 são considerados como uma composição genuinamente paulina, transmitida em algum lugar em todos os manuscritos gregos de 1 Coríntios, no qual o apóstolo reagiu negativamente para a prática de algumas mulheres cristãs de Corinto, que tem pressionado pela igualdade e falar em assembleias sagradas (lido aqui como um ato desonroso). Entre os defensores estão: Mitchell, Orr-Walther, Schüssler Fiorenza, Soards, Thrall, Witherington.

2. Os versículos são paulinos, mas resultam de uma letra diferente do que está presente no capítulo 11, de modo que versículo 37 segue logicamente o versículo 33a. Não havendo assim uma real contradição entre os capítulos 11 e 14. Os principais apoiadores são: Klauck, Wolff, Schmithals.

3. Os versículos são uma interpolação pós-paulina, decorrente do mesmo meio que produziu 1 Tm 2: 11-21. Seria um reflexo de uma leitura mais hierarquizada dos cristianismos ou ainda uma leitura chauvinista fruto de alguns círculos cristãos de Roma já em finais do século I EC. Entre os principais apoiadores desta tese estão: Aalen, Barrett (com hesitação), Bousset, Cleary, Cope, Delling, Fee, Fitzner, Fuller, Hays, Keck, Lindemann, Munro, Payne, Roetzel, Schrage, Schweizer, Sellin, GF Snyder, Trompf, Walker, J. Weiss, Zuntz.

4. Os versículos não são uma interpolação pós-paulina, mas um parênese adicionado por Paulo em uma nota marginal às 14: 33a, que ele considera adequado sua preocupação com ordem correta na comunidade cristã; esta nota foi finalmente atraída para o texto. Entre os críticos defensores da tese estão: Ellis e Barton.

5. Os versículos são, na verdade, uma citação do que alguns homens coríntios que não eram favoráveis à manifestação de mulheres em assembleias cultuais. Manifestação esta que chegou ao conhecimento de Paulo que os responde com o versículo 36. Entre os críticos

temos: Bilezikian, Flanagan, Gourgues, Kaiser, Snyder, Odell-Scott, Talbert (FIZTMYER, 2008: 529-530).

Apesar de serem argumentações bem fundamentadas, ainda que não concordemos com todas, o que se observa nas cinco hipóteses é um completo silêncio sobre a Arquitetura Religiosa. Todos estes autores se restringiram a documentação textual. Contudo, se nos voltarmos para as observações feitas anteriormente e levando em consideração estudos mais recentes sobre as mulheres cristãs, tal como o trabalho feito pelas pesquisadoras Margaret Y. MacDonald, Carolyn Osiek (2006) ou mesmo a organização de Amy-Jill Levine (2003, 2004), é possível afirmar:

(1) O excerto não é paulino, sua composição provém de um período posterior. Provavelmente em uma fase de acirramento entre lideranças itinerantes e lideranças locais. Lideranças locais e predominantemente masculinas não toleravam a possibilidade de mulheres obterem cargos funcionais por intermédio do Espírito, uma vez que estariam se igualando aos mesmos que garantiam o seu prestígio e função por intermédio de colaborações em reformas e cedendo ambientes de sua casa para os cultos.

(2) Casas-sinagogas ou casas-igrejas ganham maior destaque, pós-queda do Templo (WHITE, 1996: 59). Assim sendo, há certa possibilidade de datar temporalmente este passo. De forma a entendê-lo como fruto de comunidades judaico-cristãs que buscavam reestruturar suas marcas e identidades étnicas. Além de estarem muito impactadas com o imaginário da Revolta Judaica ocorrida em Jerusalém. Assim sendo, algumas lideranças masculinas optam por se distanciar do discurso radical paulino e se decidem por dialogar com costumes e formas de organização patriarcais.

### **Considerações Finais:**

De imediato, consideramos duas citações:

Um Deus pessoal pode tornar-se uma séria desvantagem. Pode ser um mero ídolo esculpido à nossa imagem, uma projeção de nossas limitadas necessidades, temores e desejos. Podemos supor que ele ama o que amamos e odeia o que odiamos, endossando nossos preconceitos, em vez de nos obrigar a superá-los. [...] Acreditar que um desastre é a vontade de Deus pode nos fazer aceitar coisas fundamentalmente inaceitáveis.  
(Karen Armstrong, 2008: 267-268)

Na frase familiar e sucinta de uma tradição mais antiga, uma parte do primeiro verso diz: “Os poderes que são ordenados por Deus.” Durante séculos, esta passagem foi usada pelos governantes cristãos para legitimar

seu governo e exigir obediência a ele. Os cristãos, por isso, entenderam com uma exigência de imobilidade política.  
(Marcus Borg; John Crossan, 2009: 10)

As duas belíssimas citações nos são fundamentais para a discussão aqui proposta. Ambas revelam as maneiras por meio das quais o sagrado é apropriado de forma a legitimar diferentes discursos. A primeira, mais especificamente, nos abre espaço para refletir de que forma o papel feminino nos cristianismos originários já em sua fase de institucionalização foi tratado e de certa forma ainda hoje é percebido. Em outras palavras, a partir do que Armstrong chama de formulação de um “Deus pessoal”, podemos refletir por que meios ou a partir de que leituras do sagrado certas lideranças, que tinham o interesse em retirar o papel proeminente feminino, partiram para legitimar o seu discurso.

A segunda dá continuidade à ideia de Armstrong, com o detalhe de expor que dentro do processo de institucionalização por intermédio da legitimação do poder via sagrado, este não só restringe o acesso ao sagrado às lideranças. Mas também essa mesma leitura de Reino Deus acaba por fomentar a imobilidade política, ou exclui a capacidade de estranhar e questionar fatos que seriam inaceitáveis ou que não condizem com o projeto inicial de Jesus que era pautado na paz, na justiça e na comensalidade.

Mais claramente, o objetivo central deste artigo foi, em primeiro lugar, evidenciar o impacto do espaço que a “Nova Perspectiva” abriu para a vertente feminista explorar uma História das Mulheres em Paulo. A “Nova Perspectiva” e mais claramente as estudiosas feministas demonstraram que o(s) Reino(s) de Deus expresso(s) no *corpus* paulino esteve a todo o momento sujeito a um intenso diálogo com um mundo marcadamente patriarcal. Este maior ou menor distanciamento com a estrutura vigente na Bacia Mediterrânea é fruto das alterações internas e externas do grupo, ou seja, é a partir da identidade que os grupos cristãos construía(m) sobre si mesmos.

Num segundo momento, buscamos apresentar uma maior necessidade de um diálogo transdisciplinar que leve em conta também a Arqueologia. Pois, ao lançarmos mão deste tipo de documentação outros questionamentos emergem, bem como novos olhares sobre uma mesma questão.

## Referências Bibliográficas

### Fontes.

BÍBLIA. Novo Testamento. 1 Coríntios. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição, Revista e Revisada, São Paulo: Paulus, 2002.

### Dicionários, Manuais e Comentários.

FITZMYER, J. *First Corinthians. A New Translation with Introduction and Commentary*. New Haven: Yale University Press, 2008.

### Trabalhos Específicos.

ARMSTRONG, K. *Uma história de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BORG, M. e CROSSAN, J. *First Paul: Reclaiming the Radical Visionary Behind the Church's Conservative Icon*. New York: HarperOne, 2009.

BROOTEN, B. *Women Leaders in The Ancient Synagogue: Inscriptional Evidence and Background Issues*. Brown Judaic Studies 36. Chico, CA: Scholars Press, 1982.

BROOTEN, B. "Early Christian Women and Their Cultural Context: Issues of Method in Historical Reconstruction". In: *Feminist Perspectives on Biblical Scholarship*, ed. Adela Yarbro Collins. Biblical Scholarship in North America 10; Chico, CA: Scholars Press, 1985.

CARTWRIGHT, S. *A Companion to St. Paul in the Middle Ages*. Boston: Brill, 2013.

CASTELLI, E. "Paul on Women and Gender". In: KRAEMER, R. e D'ANGELO, M. *Women and Christian Origins*. New York, Oxford University Press, 1999.

CAVALCANTI, J. "Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo": uma breve análise sobre o programa paulino de Reino de Deus. In: *Revista Jesus Histórico e suas Recepções*, VI, 10, Rio de Janeiro, 2013.

DUNN, J. *New Perspective on Paul*. Cambridge: Eerdmans Publishing, 2005.

ELLIOTT, N. *Libertando Paulo. A justiça de Deus e a política do apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1998.

FIORENZA, E. *Searching the Scriptures*. Crossroad Publishing Company, New York, 1993.

FIORENZA, E. *In Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*. Crossroads: New York, 1983.

GERDMAR, A. *Roots of Theological Anti-Semitism*. Leiden: Brill, 2009.

HARNACK, A. *The Mission and Expansion of Christianity in the First Three Centuries*. London: Williams and Norgate, 1908.

- LEVINE, A. *A Feminist Companion to Paul*. Sheffield Academic Press: Sheffield, 2003.
- LEVINE, A. *A Feminist Companion to Deutero-Pauline Epistles*. Sheffield Academic Press: Sheffield, 2004.
- MACDONALD, M. *The Pauline Churches. A Socio-historical Study of Institutionalization in the Pauline and Deutero-Pauline Writings*. New York. Cambridge University Press, 1988.
- MACDONALD, M. *Early Christian Women and Pagan Opinion: The Power of the Hysterical Woman*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- MACDONALD, M., OSIEK, C. e TULLOCH, J. *A Woman's Place: House Churches in Early Christianity*. Minneapolis: Fortress, 2006.
- SANDERS, E. *Paul and Palestinian Judaism*. Minneapolis: Fortrees Press, 1973.
- SAWYER, D. *Women and the Religion in the First Christian Centuries*. New York: Routlegde, 1996.
- STENDHAL, K. *The Bible and the Role of Women*. Philadelphia: Fortress Press, 1966.
- WHITE, L. *The Social Origins of Christian Architecture. Building God's House in the Roman World: Architectural Adaptations among Pagans, Jews and Christians (Vol 1)*. Valley Forge: Trinity Press International, 1990.
- WHITE, L. *The Social Origins of Christian Architecture. Texts and Monuments for the Christian Domus Ecclesiae in its Environment (Vol 2)*. Valley Forge: Trinity Press International, 1991.